

O PASSADO QUE SE TORNOU LIÇÃO: OS MANUAIS DE AFRÂNIO PEIXOTO E THEOBALDO MIRANDA SANTOS E AS *NOÇÕES* DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PARA ALUNAS NORMALISTAS

Roberlayne de Oliveira Borges **Roballo** – UFPR

Este trabalho é o resultado da pesquisa sobre obras que serviram de suporte para os processos de formação de professoras normalistas, a partir da década de 1930 no Brasil. Buscamos revelar a historicidade dos livros de História da Educação presentes na formação de professoras das Escolas Normais e Institutos de Educação.

As obras escolhidas foram publicadas pela Companhia Editora Nacional – Coleção Atualidades Pedagógicas – dirigida por Fernando de Azevedo no período de 1931 a 1949. Os dois manuais analisados são *Noções de História da Educação*, de Afrânio Peixoto e *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos.

O lançamento do projeto editorial da Companhia Editora Nacional denominada Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), em 1931, foi organizada por Fernando de Azevedo, um dos principais intelectuais ligados aos ideais de renovação pretendidos com o ideário da Escola Nova. No conjunto de obras que integra a BPB, escolhemos as obras que representaram um repertório de conhecimentos ligados à disciplina de História da Educação, visto estar ligada à identidade dos cursos de formação de professores – aspectos de uma disciplina formadora. Assim, as obras que se aproximavam deste desejo pertenciam à Coleção Atualidades Pedagógicas (CAP), destinadas especificamente à formação de professores.

Em termos científicos amplos, procuramos investigar concepções de História da Educação presentes em obras que se tornaram manuais escolares (devido à expansão de seu uso nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação de acordo com programas e currículos de ensino), a fim de elucidar possíveis discursos que foram produzidos para a formação das professoras normalistas. Através da análise das narrativas, articulamos os conhecimentos presentes nos livros a uma rede de significados produzidos em relação à sociedade, à época e à educação. Com este processo historiográfico buscamos compreender a memória educacional existente na cultura de formação docente, que forja a representação do bom professor.

A CAP tinha por objetivo, segundo Fernando de Azevedo, aperfeiçoar cultural e profissionalmente os professores, através da circulação de vários livros em diferentes espaços sociais e, principalmente, nas escolas de formação de professores. A coleção, propagadora dos ideários de renovação pedagógica (Escola Nova) e de modernidade, também representou um lugar destinado à propagação de saberes pedagógicos. O grande número de obras que faziam

parte desta coleção compreendia questões sobre a escola e a educação, sendo em sua maioria de larga circulação durante décadas.

É provável que obras referentes à temática de História da Educação tenham sido publicadas em maior número, a partir de 1930, devido à introdução da disciplina de História da Educação nos currículos das Escolas Normais. Segundo Miriam Jorge WARDE (2000), de 1931 a 1960 na CAP, foram publicados 77 títulos, além de reedições, dos quais pelo menos oito podem ser classificados como obras de História da Educação.

Porém, mesmo com o desenvolvimento da disciplina e o aumento de publicações de obras referentes ao tema, segundo TOLEDO (2001), de 1931 a 1949, período proposto em nosso trabalho, os textos dedicados à História, à Filosofia e à Sociologia da Educação, estão em menor número, dentro da coleção. Os autores são em sua maioria brasileiros, com exceção de Paul Monroe. Assim, a escolha se deu pelos manuais que inserem de forma explícita em seu título a temática História da Educação e que foram produzidos por educadores brasileiros.

Os livros de Peixoto e Miranda Santos fizeram parte da maioria dos Programas de Ensino das Escolas Normais. Para exemplificar este argumento, segundo VIDAL (2001), dos nove programas de ensino acompanhados de bibliografias, que aparecem nos arquivos do Instituto de Educação do Distrito Federal em 1937, o livro de Peixoto *Noções de História da Educação*, está na categoria dos mais utilizados. A obra publicada em 1933 pela BPB foi considerada o primeiro manual didático brasileiro sobre história da educação, destinado à formação de professores, escrito por um dos primeiros professores chamados a ministrar a nova disciplina.

O manual *Noções de História da Educação* de Miranda Santos foi publicado primeiramente em 1945 e a segunda edição em 1948, sendo que ambas fizeram parte da CAP. Mas a partir da terceira edição (1951) seu manual passa a fazer parte da coleção intitulada Curso de Psicologia e Pedagogia. No mapa de edições do acervo da Companhia Editora Nacional pudemos verificar que o manual de Miranda Santos sempre obteve tiragens significativas de aproximadamente 5.000 exemplares por ano de publicação.

Ao privilegiar as obras de História da Educação que fizeram parte da CAP, não poderíamos deixar de enfatizar que este contexto está marcado pela construção de um ideário de modernidade, civilidade e que visa à formação da identidade nacional. Médicos, educadores, engenheiros, literatos, enfim, intelectuais que atuavam em diferentes frentes, discutiam apaixonadamente o tema da identidade cultural e nacional do país, configurando a institucionalização de um ideário moderno, que passa a ocupar diferentes lugares sociais. Tanto a década de 20 como a de 30 do século XX foram fundamentais para a reestruturação

da escola e do campo pedagógico. Reformas da instrução pública, projetos de reformulação da formação de professores e projetos de renovação de ensino tomam corpo em intensos debates travados entre intelectuais e profissionais do ensino, que conduzem o projeto de modernização do Estado. São criados os ministérios e outros órgãos que absorvem “representantes do mundo intelectual da época” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 40). Denominamos as obras de Peixoto e Miranda Santos *manuals pedagógicos*, por terem sido escritos a fim de desenvolver as temáticas previstas para o ensino de disciplinas profissionalizantes dos currículos das escolas de formação docente. Trata-se de obras cujo texto prevê um conjunto de conteúdos que impõem formas do que se deveria aprender, além de estarem adequados aos programas oficiais.

Os discursos que circulavam nestes manuais de História da Educação passaram a ser utilizados como forma de dar respostas, em um menor tempo possível, para os problemas que surgiam na ação educativa. É sobre este aspecto que, na raiz desta investigação histórica, tornou-se importante rediscutir algumas matrizes do pensamento educacional contidas nestas obras, que de alguma forma sedimentaram saberes à formação de professores.

As lições nos manuais de História da Educação: uma rede de significados produzidos.

Entre os autores que escreveram sobre a História da Educação, publicados entre 1889 e 1990, Clarice NUNES (1996) nos lembra a presença de médicos, técnicos educacionais, políticos profissionais, professores universitários, religiosos e leigos católicos. A formação profissional e ideológica desses educadores-escritores nos importa à medida que seus textos revelam posicionamentos e “verdades” interligadas à sua formação cultural e intelectual, como também ao contexto vivido.

Estes dois polígrafos – *Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos* – contribuíram para uma noção de ensino da História da Educação para alunas normalistas brasileiras. Por isso, mostramos o produto de uma escrita como “norte”, como molde, como estatuto para centenas de milhares de mulheres – *professoras* – as quais foram (e continuam sendo) o primeiro contato de milhões de brasileiros com o ensino formal.

Constata-se que circularam diferentes conhecimentos no interior dos manuais em questão. Nesta movimentação acentuada de leitura para professoras, os autores destes manuais selecionaram e moldaram conhecimentos que acreditavam ser significativos para a aprendizagem das alunas. Pela forma própria de apropriação de diferentes fontes, os autores escreveram imaginando conduzir as futuras professoras para a arte de ensinar.

Particularmente, quanto à História da Educação, as obras revelaram uma reinvenção de conhecimentos pela reescrita dos principais assuntos que os autores elencaram como sendo importantes para a formação.

A obra de Afrânio Peixoto¹ – médico e “pioneiro” do Movimento pela Escola Nova, foi publicada em 1933, com a segunda edição publicada em 1936 e a terceira e última edição em 1942, demonstra em sua narrativa um propósito de ensinamentos úteis, capazes de guiar apaixonadamente a formação de professores.

A historia da educação é a historia *analítica* e *intima* da civilização humana. O que por alto, *superficial* e *sineticamente*, em linhas gerais, no relevo e nas depressões de uma perspectiva distante, política e econômica, é a historia da civilização, – miudamente, em traços pequenos, profundos e exatos, com a proximidade averiguavel das causas e consequencias, uma explicando a outra, é a historia da educação. (PEIXOTO, 1942, p.9)

Afrânio Peixoto foi um dos homens mais representativos da cultura brasileira do período. Durante décadas, apaixonou-se sucessivamente por temas variados, por países como a França, Portugal e Estados Unidos, como também por personalidades da vida cultural, tais como Castro Alves e Camões. O *ethos* nacionalista, presente de maneira intensa na atmosfera intelectual do período, revelava-se intimamente articulado ao projeto de formação do povo, a partir das idéias de formação e de difusão da consciência nacional. Aos intelectuais – apoiados nos seus poderes de compreensão, de síntese e de expressão – caberia a elaboração desta consciência e à escola caberia a missão de disseminá-la. Segundo Peixoto o “que nos cumpre é preparar hoje, o Brasil de amanhã. Educar o brasileiro de agora para lhe dar uma consciência de si e, portanto dar a todos uma consciência nacional” (PEIXOTO, 1950, p.78).

Para Peixoto, o processo educativo leva à democracia, pois “para exercer o seu direito, o homem precisa conhecer-se e aos seus deveres” (PEIXOTO, 1950, p.78). Os povos ignorantes abdicam de si e passam a servir os outros. Um Brasil próspero, segundo Peixoto, deveria ser instruído e educado, honrando assim a cultura greco-latina, as tradições lusitanas e a sua própria história. Percebemos sua evidente preocupação cívico-patriótica, a crença no poder da educação, bem como a intenção de mobilizar o povo e a nação para alcançar os fins propalados.

¹ No plano da educação, Peixoto foi Diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro e Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, nos anos 1915 e 1916 respectivamente. Lecionou História da Educação nos cursos de formação de normalistas. Em 1932, foi signatário do célebre Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, junto com Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e outros tão célebres. Nos anos seguintes se tornaria o primeiro reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF).

Observamos ainda que seus traços o uniam à elite letrada do seu tempo: discurso nacionalista, crença na educação, desejo de modernidade e convicção sobre o papel dos intelectuais na formação do povo e na construção da nação. Verificamos, também, o papel conferido ao ensino da História neste processo de formação. O estudo da história universal e pátria estava associado à idéia de nos reconhecermos como nação, com identidade própria, bem como percebermos como esta identidade era parte de um processo que nos unia aos gregos, aos latinos e, mais recentemente, aos portugueses. Cultuar as heranças gregas, latinas e lusitanas e, sobretudo, as tradições nacionais permitiriam ao povo brasileiro se reconhecer como herdeiro e como protagonista do desenvolvimento da civilização ocidental.

A Companhia Editora Nacional divulgou que Theobaldo Miranda Santos² – dentista e “leigo católico” foi o autor que mais publicou obras em toda a América Latina, nesta ocasião. Foram cerca de 150 obras sobre literatura infantil, psicologia, pedagogia, sociologia, filosofia, ensino primário, ensino secundário, curso normal e superior. Segundo Clarice NUNES (1996), Miranda Santos, se destacou por alcançar “de 1945 a 1964, dez edições consecutivas sem qualquer alteração significativa, (tendo ultrapassado) a tiragem de 15 milhões de exemplares apenas no que diz respeito a suas publicações lançadas pela Editora Agir” (p. 68).

Devo ressaltar que a obra deste professor não foi programada por Fernando de Azevedo, mas sim por Octalles Marcondes Ferreira³, uma imposição vinda do “dono” da editora. Em contrapartida, Afrânio Peixoto foi convidado por Fernando de Azevedo a escrever o seu manual de história da educação.

Quatro décadas de circulação das obras de Theobaldo Miranda Santos representam um vasto período de circulação de saberes que revelam um repertório de conteúdos e conceitos para a formação de professores. Este dentista, escritor, professor e administrador, foi um divulgador de saberes pedagógicos como também de práticas educativas católicas (a exemplo de Alceu Amoroso Lima) a fim de subsidiar os professores nas escolas.

Seu manual é um exemplo da reunião, da compilação de diversos autores que, sendo reconstituídos ou absorvidos no interior de seu próprio discurso, revelam teses de uma

² A carreira de Miranda Santos foi marcada pela sua conversão ao catolicismo que, de certa forma, impôs-se sobre sua trajetória intelectual. Ocupou inúmeros cargos na esfera pública e educacional: Diretor do Ginásio e da Escola Normal Oficial da cidade de Campos, Diretor do Departamento Técnico-Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, Diretor do Departamento da Educação Primária do Distrito Federal, foi Membro da Comissão Técnica do Estado do Rio de Janeiro e Membro oficial do Estado na Convenção Educacional Fluminense. No Instituto de Educação da Universidade Católica, foi professor de Filosofia da Educação e, na Escola de Serviço Social, foi professor de Pedagogia e Psicotécnica.

³ Octalles Marcondes Ferreira foi o dono de duas editoras: a Companhia Editora Nacional e a Civilização Brasileira. O mercado editorial fica então dividido em duas frentes: Nacional para os “renovadores” ligados a Azevedo e Civilização Brasileira para os “católicos”, englobando neste período diferentes leitores, com diferentes frentes de publicações (TOLEDO, 2001, p.66).

pedagogia cristã, mas que também mostram a busca intensa pelos conhecimentos ditos “modernos”. Neste sentido, acreditava que a educação era o meio para integrar e reformar a sociedade, através da adaptação dos conhecimentos científicos aos fins filosóficos.

Tanto Peixoto como Miranda Santos *desenham* a História da Educação revelando uma estreita relação entre *história, educação e civilização*. A história foi narrada dos povos primitivos, gregos, romanos até a história contemporânea, a fim de ensinar sobre o processo de evolução e de civilidade das sociedades. Neste *desenho*, foi mostrado que uma sociedade só é civilizada quando educada. Por isso, contar a história por meio das doutrinas e idéias pedagógicas em sua gênese e evolução, apoiadas nas idéias desenvolvidas pelos ícones da história intelectual da filosofia e da pedagogia, tornou-se uma estratégia de organização dos educadores brasileiros. Aliás, os autores utilizaram o passado como forma de justificar os erros e acertos do presente.

Afrânio Peixoto, educador que cultuava as heranças e tradições nacionais, no prefácio da segunda edição de seu livro *Noções de História da Educação* (1936), indica esta aproximação:

Acusaram-me de andar, *pari-passu*, com a história da civilização, como se não fosse implícito que a educação é essa mesma civilização, na sua estrutura, como a forma total e sensível depende do arcabouço básico e íntimo: a história dos homens feitos depende da história da formação dos homens... Uma má educação, tirânica e arrogante, faz uma civilização guerreira e desumana (sic), como boa educação, digna desse nome, trará justiça e conformidade entre os homens. (PEIXOTO, 1942, p.08)

Na narrativa de Peixoto, a educação é a essência de uma sociedade civilizada. Torna isto claro ao escrever com repulsa sobre o comportamento dos povos indígenas que habitavam o Brasil, no período de seu descobrimento, narrando que estes por não terem acesso à educação, “comiam uns aos outros”, viviam em “poligamia” e na “promiscuidade” (1942, p.278). Mas, com a contribuição da educação pela “virtude” ministrada pelos jesuítas, que a utilizavam como estratégia, Peixoto concluiu que em menos de vinte anos estes padres iniciaram o processo civilizador do Brasil.

Reuniu nestas considerações, história e educação pela idéia de civilizar através de bons hábitos e atitudes que se expressam através do corpo; segundo ele, o mal educado começou no “desasseiado, no ‘mal-ouvido’, no ‘mal-criado’ e chega a desordeiro, rebelde, criminoso, revoltado, revolucionario...” (PEIXOTO, 1942, p.235).

Esta série de enunciados significativos que expressam a maneira de pensar e de agir deste médico e higienista está em sintonia com um contexto que, a partir dos anos 1920,

processa discursos voltados para a higienização, a medicalização, o controle e conformação do corpo, fundamentados em propósitos do progresso, desenvolvimento e modernidade – inerentes à idéia de “limpeza, beleza, educação e saúde” (CAMARA, 2004, p.166). A escola, neste contexto, para além da instrução, como nos lembra Sônia CAMARA (2004), deveria dar lições de higiene e cultura nacional, deveria educar costumes e hábitos, instaurando na escola um novo perfil de aluno, de espaço escolar e de professor.

Este signatário do *Manifesto Pioneiro da Escola Nova* acredita que a finalidade da escola é a formação do homem de bem, de um bom cidadão, sendo que “os viciosos e incorrigíveis (sic), embora inteligentes, eram menosprezados, como na vida” (PEIXOTO, 1942, p.250). Peixoto escreve que a ignorância é um crime, por isso a escola é um meio para se evitar esta ignorância, ensinando valores como a “paz, conformidade, virtude, progresso, apenas educando os homens” (PEIXOTO, 1942, p.252).

Valores como conformidade, virtude, progresso e ordem evocam a necessidade de se formar um homem novo, de tornar o homem cidadão neste projeto civilizatório republicano. Para além de uma questão meramente semântica, está o intuito de tornar o indivíduo pertencente a uma sociedade, sendo que estas palavras clamam pelo *novo*, pedem que a história ensine a afastar retrocessos e a afastar o que é velho e ultrapassado.

A história da Educação se justifica segundo Peixoto, na busca por explicar causas e conseqüências dos fatos ocorridos no passado, sendo o presente a ponta extrema deste passado e o futuro é correspondente ao que o homem espera ou teme. A educação para Afrânio Peixoto revela-se como a redenção da humanidade, sendo a *escola ativa* o suporte necessário para que as mudanças ocorram, o que demonstra os ideais de modernidade ligados a um passado que explica o que se deve/ou não fazer.

Através deste contato com a escrita de Afrânio Peixoto, somos levados a refletir sobre a amplitude do conceito de “educação” (*ou educações*), algo que não ocorre como modelo único, pois as ações e os processos educativos e sociais que intervêm no desenvolvimento dos indivíduos em determinado tempo e lugar nos proporcionam conhecer seu significado contextualizado.

Clarice NUNES (1995, p.58) aponta que na operação utilizada por Afrânio Peixoto para delimitar o lugar da história da educação, a educação inscreve-se enquanto sujeito e objeto, através do relato panorâmico da evolução das idéias pedagógicas e pela história da civilização.

Neste sentido *história, educação e civilização* são retratados por Peixoto à luz da

utilização de variados autores⁴. A seguir citamos alguns:

AUTOR	DADOS SOBRE O AUTOR	TEMÁTICA DE CITAÇÃO
BÍBLIA		<i>Levítico, Provérbios</i> : para retratar a educação dos judeus
CASTRO ALVES	Poeta brasileiro com intensa produção literária (1847-1871)	Renascimento (a importância dos livros)
JOHN DEWEY	Filósofo e pedagogo norte-americano (1859-1952)	Rousseau
GABRIEL COMPAYRÉ	Ocupou o cargo de Inspetor Geral da Instrução Pública da França; foi Reitor da Universidade de Lyon no período de 1895 a 1905. Autor de manuais sobre pedagogia e educação	Charles Demia e São João Batista de La Salle
LEIBNIZ (Gottfried Leibniz)	Filósofo alemão, matemático, cientista, diplomata e bibliotecário (1646-1716)	Escolástica
LOUIS RIBOULET	Pedagogo francês, autor de <i>Historie de La Pédagogie e Rumo a Cultura</i> (trad.) (1871-1944)	Roma e para retratar o escolástico Vicente de Beauvais
LUÍS VAZ DE CAMÕES	Poeta português (1524-1580)	Renascimento
MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin)	Francês, escritor de peças teatrais – mestre da comédia satírica	Mme. de Maintenon
PAUL MONROE	Professor de História da Educação (1869-1947)	Povos selvagens e a Grécia; educadores monásticos, o Império Carolíngio, a educação da Cavalaria, o Renascimento
PIRES DE ALMEIDA	Historiador brasileiro	Monarquia (Obra: <i>La instruction publique au Brésil</i>)
PRIMITIVO MOACIR	Historiador brasileiro	Monarquia

Este procedimento de eclipsar as fontes na narrativa produz um completo apagamento da relação empiria-reflexão. A afirmação, exposta no prefácio da primeira edição, de que “era preferível uma perspectiva panorâmica, a campos microscópicos e meramente documentais”

⁴ Gostaria de lembrar ao leitor que fizemos esta listagem enfatizando os “dados dos autores citados” e das “temáticas de citação”, porque Peixoto não deixa claro quais obras utiliza e tampouco escreve o nome completo dos autores citados.

(PEIXOTO, 1933, p.07) foi realmente levada às últimas conseqüências, uma vez que os vestígios sobre a documentação mobilizada para a construção da narrativa foram cuidadosamente omitidos, ao contrário de Theobaldo Miranda Santos, que compõe seus textos com um vasto número de referenciais.

Mas apesar destes obstáculos, a pesquisa mostrou que a escrita de Peixoto está marcada pela presença de escritores e poetas franceses, brasileiros, portugueses e ingleses, destacando-se também a presença de filósofos das mesmas nacionalidades citadas anteriormente. Da mesma forma, como afirma PINTASSILGO, há autores franceses associados à pedagogia moderna que se difundiu na França da 3ª República, em particular Gabriel Compayré, um dos autores cujos textos estão mais presentes no discurso dos manuais (inclusive nos manuais analisados neste trabalho) e ainda autores norte-americanos como Paul Monroe (autor mais citado por Peixoto).

Esta visualização dos autores utilizados por Peixoto garante, em certa medida o entendimento sobre o diálogo mantido por ele com o pensamento histórico em seu contexto. Desse modo, escritores, políticos e poetas deram ao livro de Afrânio Peixoto um “tom” poético, por vezes dramático e ao mesmo tempo crítico sobre variados assuntos abordados. Filósofos e educadores alemães, filósofos e educadores franceses e americanos são constantemente utilizados pelo autor como forma de garantir os conteúdos contemplados. Do mesmo modo, historiadores brasileiros foram utilizados na organização de sua escrita sobre a educação no Brasil.

Em suma, para Peixoto a História da Educação é tratada enquanto evolução das idéias pedagógicas, revelando uma concepção da escrita da história da educação apoiada nas crenças do poder das idéias e da centralidade na cultura dos ícones da história intelectual da filosofia e da pedagogia.

Mantendo o mesmo modelo de escrita, bem como o título *Noções de História da Educação* inaugurado por Peixoto, Theobaldo Miranda Santos escreve que o objetivo de seu “compêndio” é analisar as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas. Por isso, optou pelo “método tipológico” para explicar os tipos de educação em sua gênese e evolução, por acreditar ser um estudo mais fecundo do que a “exposição monótona dos fatos educacionais em sua lenta evolução cronológica” (SANTOS, 1951, p.17). Escreve, fundamentado em Dubois, que os *tipos de educação* são definidos como conjuntos de idéias ou de princípios pedagógicos característicos de uma época, de um meio ou de uma personalidade.

Acrescenta que o estudo da evolução das formas e tipos de educação é indispensável e obrigatório para o estudo da pedagogia. Miranda Santos considera a pedagogia uma ciência

do espírito, que precisa ser considerada em sua totalidade quando relacionada com sua própria evolução histórica.

Problematiza, mas admite que as divisões clássicas/tradicionais da história da civilização podem ser adotadas, embora não possam exprimir com exatidão as fases evolutivas da pedagogia, porque a educação não é “mero reflexo da civilização em cada momento histórico” (SANTOS, 1951, p.19). Ela representa a consequência da concepção de vida dominante de cada época, “pois o que define os sistemas educativos não são os seus meios e sim os seus ideais” (1951, p.19).

Miranda Santos explica que as etapas históricas da educação devem ser relacionadas as “Weltanschauungen”⁵. Nesta cosmovisão, o católico Miranda Santos acredita que a idéia que se faz de Deus é o postulado fundamental de toda concepção de vida. Aliás, na acepção deste autor, as concepções de vida estão muito próximas da cultura de uma sociedade, explicando que coexistem na sociedade três concepções básicas de vida: a *concepção pagã de vida*, em que o homem confunde Deus com o mundo e com o próprio homem, a *concepção transcendentalista da vida*, em que o homem considera Deus como uma realidade suprema e distinta, e a *concepção naturalista de vida*, na qual o homem nega a Deus, considerando apenas a ele próprio e ao mundo as únicas realidades existentes (1951, p.20).

Nesta trajetória de explicações, flagramos em sua narrativa a relação entre educação e civilização, quando explica a influência de cada uma das concepções de vida ao longo da história. A pagã predominou entre os povos da Antigüidade Oriental e Clássica; a transcendentalista predominou durante a Idade Média, principalmente através do Cristianismo; a naturalista vem predominando no Ocidente, desde o Renascimento até os dias atuais. E, como as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas refletem as concepções de vida, segundo Miranda Santos, a evolução histórica da pedagogia é assinalada por três etapas: o paganismo pedagógico, o transcendentalismo pedagógico e o naturalismo pedagógico (SANTOS, 1951, p.20).

Apesar de Miranda Santos, autor de vários manuais didáticos, “negar” em certa medida a forma tradicional de compor e ordenar conteúdos sobre história da educação, seu manual segue o mesmo modelo proposto por Afrânio Peixoto de enquadramento dos principais fatos históricos e educacionais.

Neste enquadramento são aproximadamente 140 obras citadas na totalidade dos

⁵ Na etimologia da palavra alemã *Weltanschauung*, encontramos : concepção do universo e a relação do ser humano com ele. Para a literatura significa “visão de mundo”; *Welt* (mundo) + *Anschauung* (contemplação); concepção; ponto de vista; intuição; convicção. In: *HOUAISS* – dicionário eletrônico da língua portuguesa, versão 1.0, 2002.

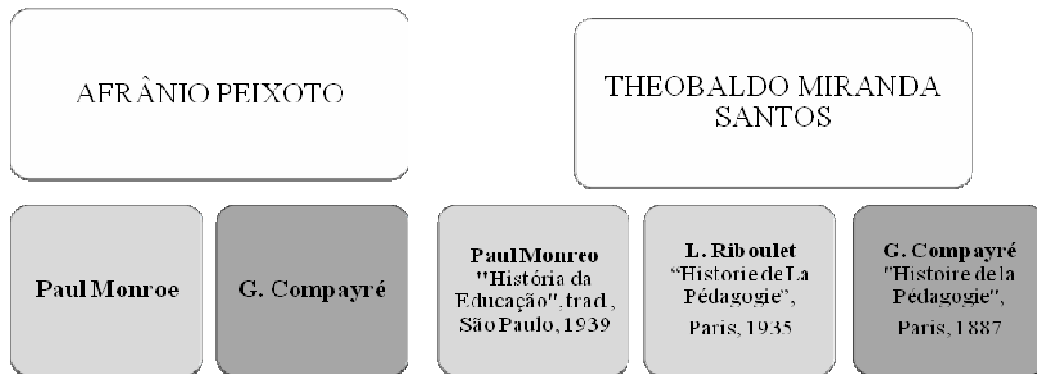
títulos. Entre autores franceses, americanos e alemães, Miranda Santos procura estar mais próximo da História da Pedagogia como fonte de consulta para a construção de seu manual. E, neste *desenho* de sua obra, os autores mais citados são: Riboulet, Monroe, Compayré, Buisson e Ruiz Amado – todos sem exceção, autores de obras sobre história da educação e da pedagogia. No apêndice sobre a educação brasileira, os autores utilizados se aproximam de alguns utilizados por Peixoto, como por exemplo: Pires de Almeida, Ruy Barbosa, Primitivo Moacyr; como também referências “novas”: Pedro Calmon, Afrânio Peixoto e Fernando de Azevedo.

Após observar a utilização de certos autores (como Riboulet) e algumas narrativas de Miranda Santos, percebemos que para ele a História da Pedagogia engendrou a História da Educação. A História da Pedagogia, ligada à evolução das teorias educativas (tipos históricos) e das concepções de vida dominantes em cada época, ofereceu fundamentos para entender, pela educação, a evolução da civilização.

Ao tratar da educação colonial no Brasil, Miranda Santos aproxima suas considerações às de Afrânio Peixoto, quando argumenta que foram os jesuítas que expandiram a civilização brasileira. Estes padres, influenciando diretamente na educação dos índios a fim de que perdessem “hábitos primitivos e ferozes”, ensinaram técnicas de agricultura, ensinaram o índio a ser civilizado, a construir casas, constituir famílias para poderem conviver inseridos em uma moral cristã. Logo, uma “civilização simples é primitiva” (SANTOS, 1951). É perceptível nesta sua forma de entender a educação que uma civilização desenvolvida necessita adquirir hábitos sociais e viver sob valores de uma moral cristã. Um fator predominante em sua operação historiográfica (que usa da compilação e da eleição de conteúdos pertinentes) é sustentado pela figura de Deus como postulado definidor das fases históricas.

Esta presença marcante de Deus, de uma orientação religiosa – católica em seu manual é expressão da permanência dos valores de uma civilização cristã. Neste sentido, NUNES (1996) aponta que a história da educação difundida entre os professores do ensino primário e secundário tem um efeito doutrinário, que “se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano” (NUNES, 1996, p.70).

De um modo geral, dos autores que “colaboraram” com a escrita dos manuais de Peixoto e Miranda Santos, destacam-se:



Nesta incursão fica evidente a relação de proximidade entre a História da Educação e a História da Pedagogia. Numa distinção apenas esquemática, Dario RAGAZZINI (1999) nos lembra que a história da pedagogia sempre esteve articulada à história das idéias pedagógicas, ou seja, ao estudo das idéias de pensadores/pedagogos do passado. Por isso, Louis Riboulet e Gabriel Compayré foram “visitados” por Peixoto e Miranda Santos, que construíram seus manuais à luz de um passado “histórico-educativo” (RAGAZZINI, 1999), consolidado através dos principais pedagogos e das principais idéias pedagógicas, dos gregos até a atualidade.

Dessa forma, esta incursão revelou um contorno teórico e metodológico marcado por obras de filósofos, como também por acontecimentos históricos carregados de justificativas baseadas no pensamento de educadores, pensadores ou filósofos da educação. Em suma, Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos construíram suas lições de história da educação a partir dos seus envolvimento com escritores/filósofos/educadores que escreveram sobre modelos de formação do homem, em diferentes tempos e contextos.

Considerações sobre a escrita dos manuais de história da educação

A história da constituição do campo da História da Educação mostra que os manuais destinados à disciplina geraram uma espécie de tradição, um domínio muito próprio deste saber. Esta tradição é resultante da vasta circulação dos manuais, constituídos de conteúdos fragmentados e muitas vezes sem sentido para a constituição da história, a não ser pela continuidade cronológica que oferecem.

Mas, apesar de esta escrita possuir uma interpretação anacrônica do passado, conformando-o aos seus intentos de ensinar, estes manuais são fruto de um propósito de formação, elaborados num contexto pedagógico que se adequava a uma determinada realidade educacional. Estes livros representam e são resultado daquilo que estava entre os seus autores e a política, a cultura e a ideologia, vigentes em seu período.

O que observamos nos dois manuais é que o tempo histórico que explica a educação é linear e evolutivo. A cada capítulo emerge um conjunto de acontecimentos históricos que tentam demonstrar uma continuidade na história da educação e da civilização. É como se existisse apenas esta história, que forja um efeito de continuidade, remetendo a uma concepção de unidade (NUNES, 1996).

Apesar de diferirem parcialmente na organização na estrutura dos conteúdos em seus sumários, Peixoto e Miranda Santos acompanham a mesma idéia de evolução da civilização pela educação, inclusive pela forma categórica com que escrevem sobre os educadores que se tornaram as principais “escolhas” para a formação da História da Educação enquanto disciplina formadora.

Neste sentido acreditamos que o modelo de *manual* elaborado por Peixoto e Miranda Santos reproduz modelos já existentes, pois os autores brasileiros não inauguram uma forma de organizar a seqüência de acontecimentos históricos. Além do mais, não fazem pesquisa em fontes primárias. Sua forma de narrar a história da educação, como nos lembra NUNES, é a de compilar conteúdos e tecer comentários, inaugurando uma regra narrativa que iria ser utilizada pela maioria dos escritores brasileiros de manuais de história da educação.

Ou seja, os manuais revelam uma concepção linear, cronológica e evolutiva das idéias educativas na história. Visam representar a saga da civilização na sua evolução rumo à modernidade. Nos termos postos em *Noções* de Peixoto, materializa-se na democracia liberal, na indústria e na Escola Nova. Na obra de Miranda Santos materializa-se na pedagogia cristã reavivada na modernidade.

Esta transferência dos valores do presente para julgar o passado, bem como o permanente esforço de apontar erros e acertos na história, revelou uma marca forte desta espécie de escrita da história: o *anacronismo*. Este procedimento é parte de uma operação intelectual que buscou na História utilidade, ou melhor, elementos de justificação e de legitimação de projetos educativos e políticos em curso no seu presente, demonstrando dependência deste presente em relação à história do passado. Neste sentido, a leitura feita do passado pelos autores dos manuais, através de um vocabulário atualizado, também gera anacronismos conceituais. A escrita destes autores é *pragmática* porque visa, antes de compreender o passado, dizer o que é preciso fazer no presente. Este pragmatismo presente nos manuais revela o engajamento dos autores, percebido na forma como escrevem e defendem o que é possivelmente “melhor” para o futuro.

Neste sentido, as obras encerram uma concepção de história *escatológica*, articulada a uma gênese (cultura greco-romana), a um processo de desenvolvimento (idade média,

renascimento, iluminismo, etc) e a um fim (sociedade moderna). Trata-se de uma escrita escatológica, uma vez que adere à filosofia da história do progresso, apoiada na inexorabilidade da evolução e da modernização da sociedade, bem como assume a idéia de fim na história. Este fim, por sua vez, consiste na perfeição da sociedade e na visão *salvacionista* desta mesma sociedade pela educação.

A importância maior deste trabalho está em perceber que estes manuais são produtores de memória educacional e divulgadores de um *saber* para o processo de formação do magistério. As *noções* apresentadas sobre história e educação revelaram não só ensinamentos úteis para as alunas normalistas, mas seus julgamentos sobre o passado, seus engajamentos no contexto a partir da década de 1930 e seus desejos para um futuro no qual a escola é o lugar de transformação da sociedade brasileira e a educação seu instrumento necessário.

MANUAIS

- PEIXOTO, A. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Exemplar nº 4250.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de História da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. (Edição Ilustrada).

MAPAS DE EDIÇÕES EDITORIAIS

- MAPA DE EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL. 1934-1936; 1939-1945; 1946-1950; 1951-1955; 1956-1965. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

REFERENCIAS

- ABREU, Márcia (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras; Associação de leitura do Brasil, Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura)
- BENINCÁ, Elli. A memória como elemento educativo. In: TEDESCO, João Carlos (org). *Usos de memória*. Passo Fundo, UPF, 2002.
- CAMARA, S. A constituição dos saberes escolares e as representações de infância na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. N. 08. [S. L.] Editora Autores Associados, 2004. (anual)
- CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, Diana Gonçalves. (orgs). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica Editora/ Centro de Memória da Educação- FEUSP, FINEP, 2000.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução Laura F. de Almeida Sampaio. 13.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FREITAS, M. C. *Memória intelectual da educação brasileira*. 2.ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- GRAMSCI, Antônio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs). *A invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MORAIS, M. H. J. S. *Da pedagogia que “pegou de galho” à uma pedagogia cristã nova e brasileira: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos*. 2004. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, FEUSP, São Paulo, 2004.
- NAGLE, J. *Educação e sociedade na Primeira República*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 131-165.
- NUNES, Clarice. A instrução pública e a primeira história sistematizada da educação brasileira. *Cadernos de Pesquisa*, n.93, p.51-9, 1995.

_____. Ensino e Historiografia da Educação: Problematização de uma Hipótese. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 1, p. 67-79, 1996.

_____. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. n. 06. [S.L.]: Editora Autores Associados, 2003. (Dossiê “*Memórias do Ensino de História da Educação*”)

PAGNI, P. Â. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Unijuí, 2000.

PINTASSILGO, J. Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação. In: PINTASSILGO; M. C. FREITAS; M. J. MOGARRO; & M. M. C. CARVALHO (orgs.). *História da escola em Portugal e no Brasil. Circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri / CIEFCUL, 2006, p.175-200.

RAGAZZINI, D. Os estudos históricos-educativos a história da educação. In: SANFELICE, J. L. ; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (orgs). *História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 1999 (Coleção educação contemporânea).

RIBEIRO, L. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Conde, 1950.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores – análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). In: *Revista Brasileira de História da Educação*. N. 06, Editora Autores Associados, 2003. (Dossiê “*Memórias do Ensino de História da Educação*”)

TOLEDO, M. R. de A. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 2001.324f. Tese (Doutorado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIDAL, D. G. Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro, 1927-1935. In: CARVALHO, M. M. C.; VIDAL, Diana Gonçalves. (orgs). *Biblioteca e formação docente: [percursos de leitura]*. Belo Horizonte/ São Paulo: Autêntica Editora/ Centro de Memória da Educação- FEUSP; FINEP, 2000.

_____. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

VILLAÇA, A. C. *O pensamento católico no Brasil (1928-2005)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WARDE, M. J. Questões Teóricas e de Método: A História da Educação nos Marcos de uma História das Disciplinas. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs). *História e história da educação*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR, 2000 (Coleção Educação Contemporânea).